

BRASIL F

Affinidades históricas

## ESTADOS UNIDOS

## A INCONFIDENCIA

Quando aqui estive em 1926 na Conferencia dos Jurisconsultos, como delegado dos Estados Unidos, meu velho amigo de Haya, James Brown Scott, tive occasião de fornecer-lhe algumas notas sobre as relações da minha com a sua grande terra. Narrei-lhe os seguintes factos pouco vulgarizados.

O sopro da Inconfidencia veiu dos Estados Unidos, cuja Constituição, trazida por Alvares Maelcel (que talvez se lhe refira no seu interrogatorio sob o euphemismo de "Historia da America Inglesa", comprado em Birmingham) foi o "Fiat-Lux" da Tiradentes. Sabe-se a conclusão a que ambos chegaram, no famoso encontro em Agosto de 1788, aqui no Rio: que o Brasil devia seguir o exemplo da independencia americana. Alvares Maelcel era companheiro de José Joaquim da Maia, o estudante que, numa carta celebre, revelava a Jefferson em 1787 os seus sonhos de independencia. Não teve o auxilio invocado. Jefferson, que tinha deixado o poder, não se quiz envolver em questão tão grave. Mas na sua correspondencia deixou a prova de que recebera com sympathia o pedido do joven estudante: na sua carta de Marselha, a 4 de Maio de 1787, dizia elle a John Jay: "Os brasileiros consideram a revolução da America do Norte como precursora da que elles desejam: e dos Estados Unidos esperam todo o soccorro. As maiores sympathias se desenvolveram entre elles para o nosso". Jefferson dava assim á Conjuracão Mineira o seu attestado de filiação. E á prova de que nos seguia com attenção está nas palavras propheticas com que anticipara a nossa independencia: "Não será para admirar que o Brasil todo se levante e mande a familia real para Portugal. O Brasil é mais populoso, mais rico, mais forte e tão instruido como a mãe patria". (Carta de 14 de Maio de 1817, a Lafayette).

Como a "Inconfidencia", a "Confederação do Equador" nasceu com os olhos fitos no modelo do Norte. Mandou para lá, onde já tinha estado Domingos Martins, um emissario especial, Antonio Gonçalves da Cruz, o "Cabogá".

O pensamento dos pro-homens do Recife era, quanto se pode verificar pelo seu processo, a troca do reconhecimento da sua autonomia, fazer dos Estados Unidos o centro da sua vida economica e commercial.

Brown Scott aconselhou-me a escrever um ensaio sobre os pontos em questão. Solicitado por preocupações mais urgentes nunca o pude fazer. Mesmo agora tenho a consciencia de que estou apenas aflorando o assumpto.

## AFFINIDADES PROFUNDAS

Cedo começou o Brasil a dividir nas instituições norte-americanas a grandeza a que também aspirava e se sentia com forças de atingir. A reacção racionalista, o "Encyclopedismo" que na "America Inglesa" tivera forças bastantes para transformar uma reacção contra o imposto numa guerra de independencia, que excedia aos intuitos do proprio Washington, chegou ao Brasil com o seu exemplo.

É exacto que sempre soffremos mais a influencia da Franca, cuja lingua sempre nos foi familiar, e a da Inglaterra, que sempre foi o nosso mercado monetario. A nossa vida sempre se desenvolveu lendo o livro do Sena e comprando o producto do Tamisa. Mas, guiados pelo seguro instincto da nossa finalidade, nunca perdemos de vista o exemplo norte-americano.

Ambos contemporaneos de nascimento; ambos recebendo uma terra inexplorada; ambos sujeitos a um jugo metropolitano; ambos obrigados a criar a sua primeira riqueza com o braço negro; ambos forçados a conquistar o territorio aos aborígenes; ambos constituindo nações immensas; ambos productos de um caldeamento de raças, Brasil e Estados Unidos tinham de formar-se em bases analogas senão identicas. Não é extranhavel que a nossa evolução, de um caracter irresistivelmente diverso da europea, apesar de semelhanças apparentes devido ao regimen monarchista, estabelecesse em nossas duas vidas analogias, pasmosas na apparencia, mas naturaes no fundo. Extranhavel é ao contrario que não esteja vulgarizado o parallelismo que domina os phenomenos historicos dos dois paizes.

## A COLONISACÃO

Começa o parallelismo na colonisação relativamente recente.

Um livro de triste actualidade acaba de contrapor a grandeza austera dos puritanos da "May Flower" á inferioridade dos nossos colonos, e de deduzir desse confronto a nossa irremediavel fallencia ethica e politica. Não me contentando com axiomas simplistas fui estudar de perto a primitiva colonisação dos Estados Unidos. Não me foi difficil rastrear a odysseia dos "Fathers" desde os condados Ingleses, que deixavam, para fugir á perseguição religiosa, até Rotterdam e Leyde e de lá até Plymouth na costa americana e acompanhar-lhe as consequencias. Compilsei não só as obras que a descrevem, como o "Diario" de William Bradford e a "The Revells of New Canaan", de Thomas Morton; como talvez dezenas de escriptores que as commentam. Verifiquei que o episodio da "May flower" é mais um symbolo, digno aliás, de todo o respeito, que uma realidade; que elle valeu mais pelo que fez — not so much for what it achieved as for what it suggested. (Fiske, p. 86). Conclui que o cunho impresso pelos Pilgrims, na nacionalidade foi infinitamente menor, por exemplo que o de Horace Mann, o criador da educação nacional, o renovador do ensino americano. O estudo desse assumpto levou-me a uma recapitulacão minudente da historia norte-americana.

Antes, porém, de vermos de perto a expedición do "May Flower" olhemos para o espirito que a suscitou: a Renascença.

## ANSIA DO OURO

Os Estados Unidos são filhos do mesmo espirito aventureiro que o Brasil. Os primeiros que perlongaram as suas costas foram hespanhoes, portuguezes e

francezes. A Renascença era a ansia de viver. Sahida da renuncia medieval, enthronisava a vida como o supremo bem. Buscava dar-lhe os meios de ser larga, artistica e feliz. Para isso até hoje só se encontrou um talisman: o ouro, que é a potencialidade de todas as acuisções.

A Renascença, ao nascer, achou no berço dois presentes de fada: a Conquista e a Persuasão. Isto é, a polvorra e a imprensa. Buscando novos rumos para o commercio do Oriente, cujas maravilhas Marco Polo lhe fizera entrever, esbarrou com a America. Teve a polvorra para dominar o gentio e a imprensa para angariar gente e capitães.

A propaganda achava um terreno virgem nas imaginações ainda não embotadas para a letra de forma. Buscando pelo Norte esse caminho do Oriente que os navegadores latinos buscavam pelo Sul, Frobisher chegou ao norte do estreito de Hudson, em 1577. Não achou a "Passagem do Noroeste". Em compensação levou para Londres uma pepita de ouro encontrada nas regiões arcticas. Foi o rastilho do incendio. Apesar de, ao que parece, a cobiça ser monopolio dos que colonisaram o Brasil, accendeu-se a cupidiz dos mercadores da City. Quem o diz não sou eu. É o grande Bancroft nestas palavras textuales: "The news excited the wakeful avarice of the city".

Estava de accordo com John Smith que dizia: "toto seria eu se pensasse que outro motivo, senão o desejo de enriquecer poderia levar algum á Nova Inglaterra. Fiske, Begginings of New England", pag. 79) Pare e que a propria Elizabeth não ficou insensível á "aura sacra fames", uma vez que contribuiu em grande parte para as despesas de uma nova frota de 15 navios, commandados pelos mesmo Frobisher. A molestia do século, como lhe chamou "Michelet", "la fam, la soif, le besoin absolu de l'or", contagiava os proprios thronos.

Ao passo que Frobisher explora as regiões hyperboreas, Drake conquista immensas riquezas nos portos espanhoes do Pacifico. Começa a lenda e começam os sonhos. Desenhama-se em todas as imaginações as visões do Eldorado. Está lançada a semente da colonisação

## THERIFTLESS RABBLE

Chegados os colonos á America tanto no Norte como aqui, tiveram de "caranguejar" pelo litoral. O aborigene, senhor das florestas e dos rios, dono unico dos seus segredos estava prompto a repellir a intrusão do forasteiro.

A vida e o commercio tinham de se arrastar penosamente. A subsistencia tinha de depender por largo tempo do fornecimento metropolitano. A gente que povoava as novas colonias era na maioria de má qualidade: aventureiros e desclassificados. "They were a disorderly, theriftless rabble, picked up from the London streets", diz "Fiske" pagina 90. O seu maior contingente era fornecido por tripulantes de navios, tão endurecidos na lu-

ta contra os elementos e contra os homens como em vícios de toda a natureza. Tinham sido arrancados aos cárceres dos portos "kidnapped from the jails and slums of english seaports", diz "Fiske". Ha um documento precioso sobre esses primeiros tempos. Os 105 colonos da expedição de Newport não conseguiram bons resultados. John Smith quiz aproveitar os seus elementos; chegaram-lhe mais 120 colonos. Vendo que estes nada produziam, a "Companhia de Londres" reclamou. Smith respondeu-lhe que em vez de mil aventureiros desclassificados lhe mandasse 30 operarios, calafates, carpinteiros, hortellãos. Estamos longe de excellencias mores... Se é certo que uma parte dos Estados Unidos nasceu para a vida nacional nas rudes casas de madeira, que os austeros calvinistas, á tarde, depois da rude labuta da lavoura e da pesca, faziam resoar de canticos religiosos, não é menos certo que todos os seus elementos immigratorios não eram da mesma estofa. Dizer que os Estados Unidos são filhos unicamente dos "Pilgrim", além de ser uma injustiça para com os "Quakers", é uma inverdade historica. Equivale a dizer que o Brasil nasceu do rude "Collegio" de taipa, onde Anchieta e seus companheiros ensinavam as ladainhas aos catechumenos. Não. Lá e aqui houve esse rebultho humano, que é inherente a toda a colonização.

Se tivemos degredados (aliás em pequeno numero) os Estados Unidos também os tiveram. Georges William (para só citar um entre todos) refere-se ás "disordely persons, or convicts sent to Virginia by an order of the King of England" (His. of Negro Race").

**ESCRAVISAÇÃO DE BRANCOS**

Quereis a prova de que "cá e lá más fadas ha?" Entre os primitivos colonos dos Estados Unidos era corrente... a escravidão branca! A 14 de Maio de 1652 chegou da Inglaterra o navio "João e Sara" transportando escoceses, que foram escolhidos a bordo "como cavallos numa feira".

Os proprios tripulantes da "Mry Flower" não se sentiam incompatíveis com a escravidão. Em Julho de 1622 receberam 60 escravos irlandeses e escoceses, que lhes mandava o negociante londrino Thomas Weston, capitallista da expedição. Mas o espirito nacional é tão caracterizado na America do Norte que difficilmente se encontra a relação taes factos em seus livros. Embaldo procurei-lhes a confirmação nos "rais notaveis. Encontros na "Historia Universal" de Oeneken, vol. Estados Unidos.

Cito-os porque não penso que

em nada diminuem a grandezação factos, communs a todos os patizes.

**EXPEDIÇÃO DE MARTIM AFFONSO**

Não tivemos, é exacto, os peregrinos da "Mary Flower". E' preciso, porém, lembrar que quasi todos morreram. Segundo o proprio governador da comunidade, William Bradford, momento houve em que só restavam 6 ou 7 pessoas validas. Mais de metade tinha morrido, ás vezes duas e tres pessoas por dia.

Pouco tempo depois da chegada reduziara-se os colonos a quarenta e nove. Tão grande mortalidade denota a falta de experiencia dos organisadores da colonia.

Mas não percamos tempo em minucias. Reconhecamos a boa qualidade da gente da "Mary Flower". Mas não para invejal-a. Quando em 1620 os Estados Unidos receberam o seu primeiro nucleo de gente boa, já havia quasi um seculo que o Brasil recebera um elemento immigratorio em tudo comparavel áquelle, em 20 de Janeiro de 1531 Martin Affonso de Souza, numa armada de duas naus e tres caravelas, chegava a São Vicente com uma gleba de povoadores,meticulosamente escolhida, composta tanto de trabalhadores como de nobres. Com um espirito de previdencia e humanidade que o honra, o velho Portugal não escolheu para mandar-nos a escumalha das ruas de Lisboa.

Eugenio Castro, no seu admiravel "Diario da Navegação", esgotou a parte nautica e geographica da expedição. Mas a sua relação dos tripulantes é incompleta. Esparsos os seus nomes em Pedro Taques e outros autores, ou em velhos documentos forenses e ecclesiasticos, talvez faltass ao benemerito escritor tempo de arrolal-os.

Que não deve o Brasil aos colonos martin-affonsinos! Uns trazendo as mulheres, outros mandando-as buscar de Portugal ou das Ilhas; outros cruzando-se com as filhas de João Ramalho, António Rodrigues, Tibiricá e Piauírobl, as suas vergontees hoje cobrem o Brasil, como esses gigantesco bacheba, cijos galhos, tocando na terra se transformam em novos troncos.

Os brasileiros devem orgulhar-se tanto da expedição de Martin Affonso como os americanos da chegada da "May Flower". Se já tivessesmos espirito nacional; se soubessesmos o que é a tradição e o seu character educativo; se já tivessesmos comprehendido que o divino egcismo da patria é a forma mais elevada do instincto de conservação; se seguissessmos no que tem de bom o exemplo dos norte-americanos que guardam no Capitolio de Boston, como uma reliquia a "Relação" de Bradford, passando a

22 de Janeiro de 1832, iste A. daqui a 27 mezes, o quarto centenario da expedição de Martin Affonso, já a estas horas um grande movimento de investigações estaria colligindo quanto se lhe refere para como memorial-a dignamente.

A melhor prova da qualidade dos colonos de Martin Affonso é que S. Vicente logo depois de fundada começou a produzir e a trabalhar, tomando grandes proporções a lavoura da canna, cujas primeiras mudas foram mandadas buscar á Madeira. Frei Gaspar enumera doze engenhos, quasi todos anteriores a 1557. Tanto crecera em 25 annos a novel povoação!

A exemplo dos Estados Unidos, com a sua "Sociedade dos Descendentes da May Flower", onde o estudo das linhagens dos "Patriarchas" é a principal preocupação, esboçemos um debuxo rapido da familia martin-affonsina.

**GENEALOGIAS**

As arvores de costado têm quasi sempre um fundo romanesco. Não é difficil architectar parentescos com as dynastias europeas: basta inserir enxertos em vergontees daquelles troncos. Não é outro o processo pelo qual a Casa dos Levis-Mirepoix prova que descende de um primo da Virgem Maria, de quem fica assim sendo prima toda a illustre familia...

"Notre Dame, ma cousine"... Mas nem tanto ao mar nem tanto á terra. O paulista não ia tão longe: provava a sua ascendencia com certidões de cartorios, camaras ecclesiasticas, provisões, ordens regias, que se referiam a factos notorios e recentes.

A pesquisa das origens não representava no brasileiro da colonia um accesso de phillauca: ora, muito pelo contrario, uma necessidade vital. A limpeza de sangue era indispensavel por dois motivos. Primeiro, para exercer qualquer cargo ou função, por minima que fosse. Segundo, para forrar o individuo a attrictos com a Inquisição, cuja maior tarefa era descobrir antepassados de sangue "infecto" em todas as familias. Mas não era uma vangloria e sim uma defesa.

Dessa absoluta necessidade de ter sangue limpo nasceram as preocupações genealogicas dos seculos dezeseite e dezoito, de que a obra de Pedro Taques é o impercível monumento. Apesar dos seus cincoenta annos de pesquisas serem o melhor attestado dos seus escrupulos, vé-se hoje que a sua prohibidade, atacada por Candido Mendes, é invulneravel e que se apoiava em documentos acima de qualquer suspeição. O historiador do Maranhão duvidou da existencia de um delles: o testamento de João Ramalho, Coube a Washington Luis a fortuna de achar-lhe a copia

no archivo de Paulo de Souza Queiroz, que o recebera entre os papéis do Patriarcha. Triunphava em toda a linha a consciencia do grande carmelitano.

**PEDRO TAQUES**

Pedro Taques não se dava ao esteril trabalho de procurar a nobreza pela nobreza. Taunay mostra a modestia dos seus intuitos:

"Acaso imaginou prender os primeiros povoadores de S. Paulo ás dynnastias européas, sequer ás casas titulares portuguezas? Absolutamente não; provém os troncos, de que se orgulha, da paqueta nobreza do reino, da boa burguezia; aos mais afidalgados attribue modestos morgadios e commendas.

Titulos para elle altisonantes são a "limpesa de sangue" dos christãos velhos, livres da mescla de "judeus, mouro ou qualquer outra infecta nação" — o emprego no real serviço e a ausencia de "mecanismo" nas progenias".

Procurar a pureza de linhagem será talvez uma futilidade.

Não pensava, comtudo, dessa maneira Benjamin Franklin que, apesar de filho de um modesto ferreiro, foi á Inglaterra especialmente para estabelecer a sua arvore genealogica. Não é de admirar portanto que frei Gaspar da Madre de Deus obedecesse ás mesmas preocupações quando dizia dos seus maiores: "A nobreza com que Martin Affonso povoou S. Vicente, foi mais numerosa e mais distincta, do que suppoem até os mesmos que della descendem". Com elle se acha o autor do "Santuario Mariano": "A villa de Santos he uma das quatro principaes capitancias de S. Vicente, e dista de S. Paulo 12 leguas. Povoou-a Martin-Affonso de Souza de muito nobre gente que comsigo levou de Portugal".

Vejamos um pouco quem era e de quem provinha essa nobre gente.

**NOBREZA COLONIAL**

Seria tirar a unidade deste estudo intercalar outro nelle. Deixo por isso de lado a ennumeración dos companheiros de Martin Affonso de Souza. A "Nobiliarquia Paulista" de Pedro Taques não é senão a historia dos seus cruzamentos, que irradiaram por todo o Brasil, levados pelos bandeirantes. Não me posso, porém, furtar a algumas curiosidades. A familia de Pedr'Alvares, que aqui já se achava representada por Branca Cabral, sua bisneta, casada em 1547 com Simão da Costa; os Godoys de Castella, os Rendons, de Leão; os Contreras, Espinosas, Escobar e Zunigas (um dos quaes deu o nome ao actual largo do Paysandu), outróra "Tanque do Zuniga", vindos do Paraguay; os Barros, que são Paes e Peateudos, e quando aqui chegaram já vinham providos em cargos de capitães-mores e ouvidores; os Schetz representantes de uma grande e opulen-

ta familia de Antuerpia e possuidores do engenho dos Erasmos; os Lemes de Bruges, que deram almirantes á Franca; os Taques, que descendiam de um porta-estandarte d'el rei d. Sebastião; os Ponce de Leon, os Laras, os Toledos, os Pisas, os Sotto-Mayor; toda essa gente de grande linhagem aqui se cruzou com a grei da terra, formada dos descendentes dos colonos Martin-affonsinos, já fundidos com os aborigenes.

Seria um erro imperdoavel pensar que essa gente tinha todas as selecções que um "linhagismo" cego busca deduzir da sua origem. Não. Tinham a selecção do sangue e não era pouco. Quanto ao mais deviam pagar o pagaram o tributo dos tempos e do meio.

Não eram ricos, nem instruidos. Tinham vindo em busca da riqueza facil das minas, atraídos pelo sonho que dominava a Europa. Rurialisavam-se á força: tinham de plantar e criar para comer. Apresavam indios porque necessitavam de escravos. Mas iam desbravando e cultivando. E com o seu esforço pessoal e egoista, a Providencia ia traçando os lineamentos da Chanaan.

**OS JESUITAS**

Qual a moralidade dos colonos Martin-affonsinos? — Era boa, apesar dos inevitaveis desvios individuaes.

O elemento educador dos jesuitas, que chegaram logo depois delles, encarregou-se de disciplinal-os e cohibil-os. Procurando desde logo criar a familia brasileira á sombra da religião, não toleravam o amor livre. Só lhes fugiam á influencia certos filhos de João Ramalho, que se afastaram de Piratininga e de quem Anchieta amargamente se queixa.

Não ha episodio mais significativo da severidade de costumes dos tempos do que o de Pedro Dias, leigo da Companhia. Tomou-se de amores por Tebe-rebê, filha de Tibiriçá. O tempo, as circumstancias e os costumes indigenas facilitavam que a possuísse sem formalidades. Inda não tendo professado, a sua quebra do celibato seria venial. Não pensaram assim os padres. Solicitaram de Roma um relaxamento de voto. E foi o proprio Ignacio de Loyola quem o mandou a Luiz da Gran, que realisou e foi padrinho do casamento.

Tiveram os americanos os "Pilgrim". Nós tivemos os jesuitas. E não sei quem foi melhor aquinhoado. De toda essa geração, de santos e educadores, que culminou em Anchieta e Nobrega, é impossível avallar o que recebemos. Por um desses paradoxos em que a historia é fértil, a sua obra velu completar

a dos seus velhos e irreductiveis inimigos: os bandeirantes. Tanto é exacto que o homem trabalha como esses tecelões de tapeçarias: pelo avesso da tela que se vae formar!

Os jesuitas são fertéis em surpresas. Quem é aquelle missionario que, acompanhado de indios, desce dias e dias um rio immenso, cercado de feras e inimigos, dormindo ao relento, expando a vida de instante a instante? Herá Antonio Vieira na exploração do Amazonas? Não pôde deixar de ser. Só elle, cujas missões apostolicas representam quatorze mil leguas de percurso, parece ter encontrado um rio tão grande... Engano. E' o padre Marquette descobrindo o Mississipi.

**RELAÇÕES COM OS INDIGENAS**

Grandes atrocidades, explicaveis, aliás, pelos tempos, mancham as nossas relações com os indigenas. Mas não estamos sozinhos. A destruição das missões, por Antonio Raposo e outros equivale ao exterminio dos Pokanoketa, a cujo cacique Metacam, por alcunha Rei Philippe, cortaram o corpo em pedacinhos, carpando-lhe mãos e cabeça postas a premio por 30 shillings. Accusam os nossos colonos de incitar os indios á embriaguez, fornecendo-lhes alcohol mais forte que o de "cauim". Outros tanto se deus nos Estados Unidos, como consta do "Relatorio" de Edward Randolph a Philippe V. Os Iroquezes desapareceram pelo alcohol, que os deixavam como locos. Deixar peças de roupas usadas por variolosos para contaminar os indios foi tambem uma atrocidade commum aos dois paizes. Ante os sentimentos da epoca, que consideravam o indio como um animal nocivo, contagial-os de bexigas era tão innocente como dar veneno a ratanzas.

Mas os jesuitas, além de condemnarem essas atrocidades, sempre se bateram pela liberdade dos indios. As lutas e perseguições que soffreram não tiveram outra causa. Nobrega, o primeiro jesuita que poz os pés no Brasil, ao desembarcar fez questão de sahir da nau com uma grande cruz ás costas. Mal sabia elle que bem mais pesada era a que o esperava em terra: a defesa dos aborigenes!

Nesse particular a nossa evolução divergia da Norte-Americana. Lá se formou e se seguiu a mentalidade que Varnhagen, tuitio de origem, embalde quiz implantar aqui: a do exterminio do indio.

Os nossos dois grandes problemas eram o indio e o negro. Graças á formação moral, recebida dos jesuitas e que, mesmo depois delles expulsos, inda nos moldava inconscientemente os sentimentos, sempre os tivemos por irmãos, num grau accidental de inferioridade, mas irmãos. A Providencia nos recompensou desse espirito christão. Não temos problemas ethnicos. Uma evidente evolução caucasica em menos de um seculo terá feito, talvez, desaparecer os últimos vestigios dos chamados sangues inferiores.

Facemos, porém, um oasis nesse deserto de piedade. Nem só nas durezas tem a nossa analogia com a historia norte-americana.

(Continúa na 7.a pagina).

**PARAGUASSU' — POCAHONTAS**

Uma formosa india, a mesma que salvara a vida do John Smith, pensando que este morrera, aceita a corte de outro colono com quem se casa. Vae a Londres e é recebida pelos reis, que não acham desdouro em receber Rebecca, lady Rolfe, a antiga "princeza" Pocahontas.

Não parece a historia da Paraguassu', casando-se com Diogo Alvares e recebida na corte de Henrique Segundo e Catharina de Medicis?

**MINERAÇÃO E MACHINA**

Tivemos precocemente o surto da mineração. Foi a nossa desgraça, essa illusão de riqueza. Della quem mais depressa se ferrou foi S. Paulo que como observou Arthur Orlando "tendo a suprema ventura de lhe tirarem em 1720, Minas, 1738 Santa Catharina e Rio Grande do Sul, e em 1748 Goyaz e Mato Grosso, cedeu-se á criação de gado e á cultura dos cereaes". Minas demorou mais tempo a convalescer da sua riqueza.

Todos os braços foram distrahidos para a industria extractiva, cujos productos eram enviados para alem-mar, não deixando aqui nem poeira das barras em que se amoejava o ouro. Enquanto isso os Estados Unidos plantavam, criavam e exportavam. Nós mandavamos capitães para a Europa. Elles recebiam-no. Não nos era permitido ter uma fabrica nem um prelo. Elles enriqueciam e liam. Quando começaram a extrahir o ouro do Klondyke já estavam agricolamente organizados. Só lhes restava esperar o ferro e o petroleo. Outra razão concorreu para elles subirem enquanto nós estacionavamos. A actividade fabril sempre nos foi vedada. O "mecanismo" era uma derogação: representava o civilecimento. O nosso divorcio da machina, o segredo do mundo moderno, representava a maldição para o nosso trabalho, reduzido a um decimo do seu rendimento. Tarde nos libertamos desse estúpido preconceito de que lnda estamos soffrendo as consequências.

E' verdade que os Estados Unidos sustentaram guerras com os francezes e inglezes pela sua independencia. Nós tambem tivemos a nossa, comquanto menos visivel: a guerra do tronco com o mata-pau. Portugal sugando-nos a seiva não foi menos que uma guerra: deixou-nos exangues.

Ninguém se orgulha mais do que eu da raça portugueza. Meu livro "O Brasil e a reya" é um hymno ás suas qualidades atavias. Posso dizer a verdade. Portugal, com a sua politica colonial, exauriu-nos. Mas não ficava com o nosso ouro. Deixava-o absorver pelo commercio inglez, que fazia com elle o que elle fazia connosco: impunhalhe os productos das suas manufacturas. Nas "Aventuras de Munkausen" ha um trecho curioso. O famoso barão, depois de um grande combate, cheio de cutilladas de rachar, desaltera o seu cavallo num rio. Passam-se minutos e minutos... O cavallo não para de beber... O galeto, intrigado, quer ver até onde vae aquella sede, que o pasma. De repente, qualquer coisa o faz olhar para traz. Vê o corcel cortado pelo meio, mas bebendo... E' a imagem de Portugal connosco. Tinha uma sede inextinguivel do nosso ouro, que

aliás nesse tempo era legitimamente seu. Mas não o guardava. A Inglaterra cortara-o pelo meio, como o tordilho de Munkausen. Quando a Inglaterra quiz fazer o mesmo com a America Ingleza esta sacudiu o seu jugo. Dahi levar-nos quasi um seculo de luz no campo do progresso.

Que resulta deste estudo? Que a expedição de Martin Affonso de Souza equivale á da "May Flower", á qual antecedeu nada menos de oitenta e oito annos.

Não nos deixemos magnetisar pela dramaticidade da intransigencia religiosa. Se falta aos martim-affonsinos aquella concentração de vida interior que se sente nos "Fathers", que emigravam para conservar a pureza da sua fé, tiveram no entanto, certas qualidades não somenos: a audacia, o denodo, a ambição, o zelo do nome, a tenacidade, a fé.

E' um erro pensar que os catholicos da época vallam menos que os lutheranos e calvinistas. Os "Pilgrim" eram os seus proprios sacerdotes. Carver, Brewster, Winslow, Bradford, o proprio John Robinson, valeriam mais que Luiz da Gran, Leonardo Nunes, Nobrega, ou Anchieta? Os seus discipulos valeriam mais que aquelle leigo, de que nos fala frei Bartholomeu dos Martyres, que fez questão de morrer com o padre Ignacio de Azevedo e seus companheiros, recusando a vida ao huguenote que lhe queria salvar, uma vez que não era padre?

Outra conclusão logica dos factos narrados neste estudo é a de que tanto aqui como nos Estados Unidos o movel principal da colonisação foi o ouro, e que como sempre acontece, a mácula de aventureiros e desclassificados acorreu presurosa, nas mesmas aguas que os bons elementos. Outra que um confronto do S. Vicente de 1650 com a Nova Inglaterra e a Virginia da mesma época não nos envergonha, pelo contrario.

Começamos a vida independente em condições muito inferiores ás dos Estados Unidos, sendo o nosso periodo de opulencia um factor de decadencia e não de progresso. A formação moral dos jesuitas, porém, compensou a nossa pobreza. Embebeu-nos o coração de humanidade. Formou uma raça que deve ser, não a ignominia mas o orgulho dos que lhe pertencem.

**O ABOLICIONISMO**

Tiveram os Estados Unidos a guerra da Successão. A sua causa principal para muitos espiritos americanos, e dos mais altos, não foi a libertação dos escravos do sul. O que movia os chefes da Virginia era a vontade de, libertando-se do norte formarem uma grande nação independente, que pudessem dirigir e explorar a seu talento. O "Dred Scott case" foi uma oportunidade e não um motivo. O sul era riquissimo. A exploração do fumo e principalmente do algodão davam-lhe indiscutivel "rimazia sobre o norte.

O abolicionismo nunca foi popular nos Estados Unidos: "Nobody more haed and despited than the abolitionist".

Esse testemunho da impopularidade dos abolicionistas é de Bushnell Hart, cujas obras são classicas e da maior autoridade na historia americana. Propagandistas houve que não se conformando com o regimen da rolha, generalizado, cahiam sob o da bala como Elijah Lovejoy,

assassinado em Alton. Salmon P. Chase, em cujo escriptorio, na rua 3, em Cincinnati, nasceu o partido republicano, que hoje governa os Estados Unidos e ministro da Fazenda de Lincoln, fazendo uma conferencia numa escola a algumas milhas de Cincinnati, foi vaiado e recebeu uma saraijada de ovos. Os amigos pessoases (escravistas todos, como se vê das "Memorias of Donn Platt" que narra o episodio), os amigos pessoases que o acompanhavam como guardacostas sahiram de pistola em punho, atirando para o ar para debandar os apedrejadores. Ao voltarem, Chase ainda limpava o rosto com o lenço e continuava impassivel o seu discurso. Donn Platt confessa que para elle e para a maioria dos seus compatriotas, um abolicionista "era não somente um ladrão-negro mas ainda um associado de negros e um perturbador da paz". Esse odio de racas ainda hoje perdura nos Estados Unidos, provocando o mais serio dos seus problemas.

**"UNCLE TOM, CABIN" E VOZES D'AFRICA**

Nessa atmosphaera de rancor ha contudo largos trachos de azul. Houve grandes caracteres que resistiram á hostilidade geral. Basta lembrar a figura compassiva e suave de Fanny Kemble orvalhando com a sua piedade o immenso martyrio negro, de Harriet Beecher Stowe, com o seu celebre livro e de William Garrison, e José do Patrocinio "yankee". Ainda neste particular, é flagrante o nosso paralelismo. Castro Alves representa entre nós, com as "Vozes d' Africa" e o "Navio Negreiro" o mesmo papel que Beecher Stowe com a "Uncle Thomas Cabin", obra de que se disse: "foi um dos mais poderosos elementos para a criação do Partido Republicano, para a eleição de Lincoln e para o proselytismo abolicionista" (Edwin P. Whipple, in First Century of Republica", Pag. 393).

**"HARPERS' FERRY" E JABAQUARA**

Entre os factos importantes da nossa abolição, contam-se a incitação á fuga e o homicidio aos evadidos. Antonio Bento e Quintino de Lacerda preferiram essas ás outras armas: dali a formação do suffragio do Jabaquara. Um norte-americano, a quem essa idéa da redempção devia custar a vida, John Brown, fez de sua fazenda de "Harpers Ferry", no Kansas, o Jabaquara "yankee".

**MONITOR E AMAZONAS**

Voltamos á guerra da Successão Gigantesca, como tudo que é yankee, custou um milhão de vidas e cinco bilhões de dollars ouro. Não trouxe nenhum augmento territorial á grande nação, que se limitou em recolher as avellhas tresmelhadas ao aprisco de federação. Inda ahí o nosso destino se aproxima do norte-americano. A nossa guerra com o Paraguay, onde o embate de homens e as despesas foram arithmeticamente menores, mas se estabelecermos uma proporcionalidade, quasi equivalentes, não nos deu tambem um palmo de terreno. Consolidou porém, a unidade nacional, extinguindo aspirações separatistas, que a endossosa platina fixera surgir no sul, e criou entre as diversas unidades provinciaes, um laço de tradições heróicas e soffrimentos communs. Em quantos trechos a nossa campanha não lembra a do Norte? A nossa situação deante das

correntes de Humaytá era a mesma do "Monitor" ante as blindagens inexpugnáveis do "Merrimac", a Humaytá fluctuante dos escravistas.

A manobra de Barroso no "Amazonas" fazendo da praça ariele, é a de Farragut, no "Hartford", expugnando as defesas de Mobile-Bay, chave do porto de Nova-Orleans.

**ENCILHAMENTO**

Tivemos encilhamentos no Imperio, como o do periodo Souza Franco e crises commerciaes e bancarias, como a que levou á ruina a grande casa Bahia. O mesmo occorreu nos Estados Unidos, onde, logo depois da guerra se desenvolveu uma especulação infernal e onde só em 1873 as fallencias montaram á cifra de 225 milhões de dollares, isto é, um milhão e oitocentos mil contos. Cambio vil, insolvibilidade, moratoria, jorros de papel moeda desvalorizado, todas essas vicissitudes desculpáveis num povo que se organiza, tudo isso se deu nos Estados Unidos. Quando, ha dois annos, fiz esta mesma observação a Brown Scott elle me respondeu com a velha phrase latina: "Arcades ambo".

**TERRITORIAL CLAIMS**

A similaridade de phenomenos de toda a ordem entre as duas nações podia continuar quasi indefinidamente. A marcha para o oeste e a conquista dos desertos são em ambos o inicio da opulencia. Acompanham-nos os mesmos incidentes: a espoliação dos indios e o simulacro de titulos legitimos. Os "grillos" da terra não são invenção dos nossos piratas forenses, como muita gente suppõe. Antes delles criarem a "agrimensura do olhometro" como a definiu Monteiro Lobato, já argutos cartularios forjavam documentos e até livros para estribarem "territorial claims", que ás vezes não passam de "grillos" em ponto grande, de "grillos" inter-estadaes.

Se a historia norte-americana fosse como devera ser, mais conhecida entre nós, ver-se-ia que as linhas geraes do nosso desenvolvimento equivalem ás delle, com pequenas variantes oriundas de causas occasionaes que o tempo fará desaparecer. Uma grande barreira impede-nos mais que a distancia, o conhecimento da historia norte-americana; a lingua. Quando esta não existe, surge outro empecilho: a careza do livro americano e a falta de estabelecimentos que lhe facilitem o accesso. De modo que muita gente pensa que a historia dos Estados Unidos tem tantos pontos de contacto com a nossa como a dos Marcianos...

Para muitos, apesar da sua evidencia e da sua imperiosidade, as nossas observações sobre os pontos de contacto existentes entre as duas raças serão tendenciosas e forçadas. Paciencia! os que conhecerem a historia americana terão de confessar-lhe a procedencia.

Incomprehensivel á primeira vista, esse phenomeno de parallelismo tem contudo a mais simples das explicações. Ambos os paizes são filhos da colonisação. Ambos nasceram na mesma época historica. Ambos foram o receptaculo de grandes correntes immigratorias. Ambos tiveram uma só base economica no escravo. Ambos tiveram de conquistar o seu solo ao indigena. Ambos são christãos comunitarios de confissões differentes. Ambos são republicas ha quasi um se-

culo, não se podendo tomar senão como um accidente secundario a republica coroada que foi o segundo imperio no Brasil. Tanto os Estados Unidos como o Brasil são aspectos do mesmo phenomeno: a ascensão da America nos destinos do universo, corrolario fatal da sua grandeza e das suas infinitas possibilidades, deducção logica de premissas eternas, que não escaparam ao genio de Burke e Canning ao profetirem nas suas famosas prophcias.

Não foi outro o motivo pelo qual Ruy Barbosa calcou a nossa sobre a Constituição Norte-Americana. A similhança de phenomenos aconselhava a similhança da leis. Não colhe o argumento da differença de raças. Embora os Estados Unidos sejam a transplantação de instituições inglezas, estudos recentes comecam a provar que tambem foi muito largo o contingente da Hollanda. E isso não impediu os frutos admiraveis da sua adaptação.

**RELAÇÕES BRASILEIRO-YANKEES**

Mesmo quando mais violento nos Estados Unidos o sentimento sobre a forma republicana, as suas relações com o Brasil Imperial eram mais estreitas do que com todos os outros governos da America. Foram elles os primeiros a celebrar o reconhecimento da nossa independencia; foram elles que deram a um brasileiro a honra de resolver a pendencia mais importante até então sujeita ao arbitramento: o caso do "Alabama", um de cujos arbitros foi o Barão de Itajubá; foram elles que com o Laudo Cleveland resolveram o caso mais debatido das nossas questões de fronteiras. A primeira vez que uma testa coroada visitou os Estados Unidos foi quando lá aportou o Pedro II. A primeira vez que um secretario de Estado sahio dos Estados Unidos foi quando Ellhu Root veiu ao Brasil.

Quando estalou a grande conflagração, duas grandes vozes symbolisaram a America: Ruy Barbosa e Woodrow Wilson, pela ordem chronologica das suas declarações. O primeiro representava uma força que desaparecia ante a do colosso do Norte. Mas as nações a quem elle levava o seu contingente receberam o seu concurso com um respeito messianico, não menor que o votado ao seu companheiro do Norte, e affirmando que elle fóra "um momento da consciencia humana". Cabia á America pelo pensamento e pela força reivindicar a eternidade do direito servido pela força contra a força divorciada da justiça. Mais uma vez seguiram juntas as duas nações. As linhas parallelas desta vez humanisadas, tinham uma evidencia material: chamavam-se Ruy Barbosa e Woodrow Wilson.

**CONTRIBUIÇÕES NORTE-AMERICANAS**

O que o mundo deve aos Estados Unidos no terreno material é quasi impossivel de enumerar. Os systemas de aquecimento das casas; o gelo artificial; as cercas de arame; os ascensores; a pavimentação á asphalto e á madeira; as metralhadoras; a dynamite; uma infinidade de machinarias agricolas e industriaes; o ar comprimido para a mineração, novas ligas metallicas; osapparelhos de segurança das estradas de ferro; a fabricação parcelada dos elementos de qualquer machina; a "standartisação" dos productos; a bicycleta; a motocycleta e o automovel; a machina de escrever, primeiro ideada

por um padre brasileiro; as linotypes; o telephone, a luz electrica; o bonde, enfim as mil applicações da electricidade, cujo mago é o grande Edison, honra e orgulho da humanidade.

E' muito? Nada ha mais a enumerar. As machinas de fição e tecelagem de Mac Cormick; a machina de costura de Elias Howe, aperfeçoada por Singer, a vulcanisação da borracha, conseguida por Good year; a applicação da daguerreotypia ao retrato por Draper, inicio das maravilhas da photographia moderna; a anesthesia pelo ether, de Morton e Jackson, á qual a cirurgia deve os seus melhores progressos; as rotativas de Richard Hoe, que tornaram possiveis as fantasticas edições dos Jornaes modernos. Todas e cada uma dessas descobertas ou aperfeçoamentos, todos do seculo passado, representam para a Humanidade um beneficio real e portanto, um serviço que ella deve aos Estados Unidos.

No terreno da assistência humana a sua acção não tem similares no mundo. Os seus millionarios criaram universidades, bibliothecas, hospitaes, asylos, museus, instituições de hygiene e prophylaxia que em toda a parte pareciam só caber nas forças dos governos. A obra de Andrew Carnegie e John Rockefeller têm proporções que assombrram tanto como os "sky-scrapers" da City.

**LIÇÕES NORTE-AMERICANAS**

Quanto podemos aprender com o exemplo americano! A marcha para o Oeste é a tangente da nossa opulencia. O seu amor á lavoura, o segredo do nosso futuro. Mas a grande lição que devemos tirar do seu exemplo é o orgulho de nós mesmos. Immensa caldeira de raças: fusão de todos os sangues da Europa, os Estados Unidos souberam criar uma unidade ethnica, um typo nacional que é um milagre de força e robustez nos homens e de belleza nas mulheres. Quando John Ruskin comprou dez aquarellas de Holmann Hunt para enfeitar as escolas publicas de Londres, affm de que as crianças crescessem no contacto da belleza, não suppunha que o seu exemplo seria seguido um dia nos Estados Unidos. Alli, hoje, os museus periodicamente se desguarnecem de suas obras primas que, transportadas para as escolas leva-lhes os seus typos ideaes. Se é exacto que depois das obras de Phidias appareceram typos humanos que se assemelhavam ás suas estatuas, talvez não seja temerario deduzir dessa familiaridade com as obras primas da arte o nascimento do typo americano. Pode ser temeraria a conjectura; mas tem abonos. Se o conhecesse, o velho Montaigne, com aquella preocupação do facto concreto, que lhe dá tanto sabor, talvez commentasse: "As ovelhas de Jacob nasciam da cor das varas postas ante os olhos das mães. A filha de Cariclóa, rainha da Ethiopia, nasceu linda e branca. Parecia-se com o retrato da Andromaca, que era o embevelecimento da mãe".

**FUSÃO RACIAL**

Escreptores norte-americanos assignalam que, já em 1700, os descendentes dos colonos primitivos de raca ingleza eram submergidos pela massa adventicia dos hollandezes, suecos, allemães, francezes, escocozes e irlandezes. Já nessa época os americanos legitimos não constituam senão um terço da população. Mas o nucleo primitivo, graças á educação, pôde conservar energica e cohesa uma

consciência nacional que acabou por absorver-os. Grande exemplo: O estrangeiro de origem ou descendência immediata não constitue senão um decimo do nosso total demographico. Donde devemos concluir que o Brasil por sua vez, nada tem a recear da fusão dos varios sangues estrangeiros que lhe corram nas veias. Objectar-se-ão, talvez, a influencia africana, bem menor do que parece.

Já demonstrei a inanidade desse preconceito, que a sciencia já abandonou. ("O Brasil e a Raça"). Não vale a pena perder tempo com elle. Um cruzamento evolutivo encarregou-se de reduzir-o a um factor infimo nos destinos da raça.

Quando mais não fosse, os Estados Unidos nos ensinariam a crer em nós mesmos. Não vejo mal maior do que duvidarmos das nossas forças e das nossas possibilidades. A convicção da inferioridade é um começo de paralytia, que enfraquece e envenena todo o organismo. E' a mais fatal das inibições. O exemplo dos Estados Unidos, filhos da mais variada mescla ethnica que se conhece, nos convence de que a nossa deficiencia racial é um mero fantasma, que só pôde ser acolhido por espiritos derrotistas. Sou dos que pensam com o sr. Paulo Prado (não o do "Retrato do Brasil", que devia antes chamar-se "Mancha do Brasil", palavra que, na sua dupla accepção pictural e nodoante, lhe quadria melhor) mas com o da "Paulistica", penso com o sr. Paulo Prado que o Brasil já é "uma esplendida realidade."

**A EDUCAÇÃO**

Se quizermos descobrir a mola mestra da grandeza norte-americana, não precisamos ir buscar a ás origens da nacionalidade. Entregue a si mesmo, abandonado, o fundo moral e religioso dos norte-americanos, herdado dos Puritanos e dos Quakers, cedo desapareceria sem deixar vestígios. Não ha planta que se desenvolva se não a tratam. Mas a grande nação comprehendeu que a cultura humana tem as mesmas necessidades que o cultivo da terra. Antes de mais nada empenhou-se em criar homens. Fez da educação o plexo cardíaco do seu organismo. Assentou a sua instrução em bases de uma solidez e de uma largueza que desafiam confrontos. O cuidado que Frederico da Prussia deu aos seus soldados, os Estados Unidos deram-no aos seus educandos. Na época de Horace Mann nenhuma paiz da Europa podia competir com elles, não só nas questões de pedagogia como no interesse com que o espirito nacional as acompanhava, collocando-as num nivel muito superior ao das paixões partidarias.

Emerson asseverou que as gerações se formavam cincóenta annos antes. Que vantagem não levam os Estados Unidos a todos os outros palzes, tendo sido os primeiros a comprehendel-o!

Nada mais ingenho do que pensar que a grandeza norte-americana é filha apenas da opulencia do seu solo. Este, não ha duvida, é um dos factores essenciaes. Mas outro se lhe avanta: a formação cuidadosa do homem que o explora. Com o seu profundo senso pratico, o americano comprehendeu que todos os thesouros da terra estão abaixo deste: o thesouro humano, a cultura e a energia pessoal sem as quaes tudo o mais não vale nada, porque todo o mais fica por fazer. Esse é o grande exemplo que nos dão os Estados Unidos cujo esplendor, cuja opulencia, cuja hierarchia

no universo, cuja gigantesca contribuição para o aperfeiçoamento da especie nos estão gritando: Dê homens ao Brasil.

**A DOCTRINA DE MONROE**

Vae o senhor Hoover sentar-se na cadeira glorificada por Washington e Lincoln. O que deve elle esperar de nós? O que devemos esperar d'elle?

Nós lhe votamos toda a sympathia e admiração que nos merecem tanto o seu grande paiz como a sua formidavel personalidade. Pensador e realisador, conhecedor dos phenomenos mais complexos da politica e da vida economica universal, como provou a sua miraculosa intervenção na grande guerra, espirito religioso e justo, como os que mais o sejam, o presidente Hoover vae em breve receber "a graça da função", essa influencia mysteriosa, immanente aos altos postos e que se vê illuminar de uma sabedoria desconhecida, até aquelles chefes da egreja que maiores tributos pagaram ás fragilidades humanas. Da altura de onde vae exercer o seu dominio, peado, theoreticamente, de restricções constitucionaes, mas, na pratica, dotado de um poder de que não dispuzeram nunca os monarchas absolutistas da Europa, o presidente eleito dos Estados Unidos ha de medir com segurança os seus deveres para com seus conterraneos, para com os seus vizinhos, para com a America, para com a Humanidade, e finalmente para com os imperativos moraes que outras nações collocam no dever e que a sua raça, privilegiada entre todas, colloca no Senhor das Nações.

As outras nações americanas esperam d'elle a tranquillidade e a segurança que os mais fracos e menos armados só podem esperar da consciencia dos mais fortes. Para que o titanismo dos Estados Unidos não se torne uma ameaça aos seus irmãos americanos, é preciso antes que tudo que a doutrina de Monroe não passe aos olhos da moderna geração de um "obsoleto shibboleth" como a definiu Canyon.

Um dos nossos grandes escriptores, Eduardo Prado, escreveu "A Illusão Americana", hoje de divulgação universal, graças ás traducções e commentarios em lingua castelhana. E' forçoso convir que muitas das previsões pessimistas desse genial libello accusatorio se realisaram, embora sempre com o protesto de grandes consciencias norte-americanas. Não creia o sr. Hoover quando lhe disserem que as nações americanas estão tranquillias. Em todas ellas ha espiritos que julgam que o livro de Eduardo Prado ainda está em plena actualidade.

Não pertenco mais a esse numero. Embora reconheça que os impulsos da ambição são tão allucinados como os da fome, hoje que os Estados Unidos são o paiz mais rico do mundo, penso que estejam isentas d'elles. Não repete as tragedias da Torre de Ugolino quem está na da Abundancia. Demais o paiz onde sempre mais opposições encontrou o imperialismo monarchico foi os proprios Estados Unidos.

Crendo que o periodo de sua organização está completo; que o cyclo do seu "deverismo", em certo ponto confundido com as necessidades da sua defesa, se encerrou; que a doutrina de Monroe não mais será interpreta-

tada como a bandeira negra da pirataria territorial; que a interpretação que lhe dão espiritos da altura do Elihu Root será a que vingue doravante nos seus estadistas, penso que os Estados Unidos começarão a dar largas aos sentimentos de solidariedade humana, que têm sido a inspiração dos seus maiores estadistas. Penso que acabou a "Illusão" o que ahí vem a "Realidade Americana".

A nossa attitude ante os Estados Unidos deve ser a de amigos dedicados mas não exclusivos. Não podemos esquecer o que devemos a Europa, principalmente a Inglaterra, durante todo o decurso da nossa vida independente. Mas tudo indica que elle deve ser o melhor dos nossos amigos, desde que se nos peça o que John Robinson, para quem Deus e a Justiça se confundiam, pedia nos "Pilgrim" no seu "Adeus": "Só me sigam emquanto eu não me afastar do caminho da Justiça." "Follow me no further than you shall see me follow Gord".

O presidente dos Estados Unidos na sua circumnavegação do continente precisa colher impressões sinceras a respeito do seu paiz. Cobri-o-ão de rosas e louvores. Cercal-o-ão de applausos. Mas entre os carinhos e aclamações o seu espirito pratico, o seu scepticismo benevolo ha de sentir o alvo das apprehensões e o estremecimento do receio. Ninguém, com a responsabilidade de posições officiaes, ousaria dizer-lhe que é chegado o tempo do seu grande paiz entrar no caminho dessas promessas que a humanidade tem o direito de esperar da mais poderosa das nações do Universo, no momento em que attinge ao apogeo da sua grandeza. É preciso que um escriptor sem outras responsabilidades que não as pessoais, e com a insuspeição de filho do paiz americano cuja politica está mais estreitamente unida á do seu, lembre-lhe que já passou para este o tempo dos direitos e que é chegado o tempo dos deveres; e que os Estados Unidos precisam definir o conceito actual da doutrina de Monroe. Ninguém mais autorisado, que o presidente Hoover, nenhum momento mais opportuno que este. Se o chefe da mais formidavel das nações contemporaneas interpretar Monroe como a solidariedade e não como a conquista, a America inteira terá para elle olhos que seus compatriotas têm para o patriarcha de Mont-Vernon.

Lincoln crystallisou num periodo rigido e luminoso como um diamante os principios que o norteavam depois da terrivel guerra, a cujos destinos presidiu: "Maldade para ninguém; benevolencia para todos, firmeza no direito. Uma vez que Deus nos concede ver o caminho verdadeiro, perseverar nelle. Fazer tudo o possivel para estabelecer uma paz duradoura, tanto interna como com todas as nações". O presidente Hoover conhece o caminho verdadeiro. A America espera e confia que nelle perseverare. Para que, ao fim do seu governo, depois de ter contribuido quanto em si coube para deixar no mundo uma pacella mais de justiça e aperfeiçoamento moral, possa repetir estas palavras de um dos seus poetas, em que permeava um sonho de orgulho: "O beautiful! My country! What were the world without thee!"

Baptista Pereira